

FORMAÇÃO EM REDE



REFLEXÕES SOBRE ADOECIMENTO E SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Eduardo Lucas Andrade – psicanalista e escritor

14 DE FEVEREIRO DE 2024

O SINPEEM, preocupado em acolher os profissionais de educação, preparou o curso EaD

para atender à solicitação da Instrução Normativa SME nº 32/2023, que dispõe sobre o Calendário de Atividades para 2024 das unidades educacionais da rede municipal de ensino de São Paulo e o Currículo da Cidade.

O curso se estrutura com base em três conceitos orientadores: educação integral, equidade e educação inclusiva. Tem como objetivo oferecer subsídios aos profissionais de educação, para que possam aplicar esses conceitos em suas práticas pedagógicas e, assim, contribuir para o engajamento de todos educadores, educandos, famílias e a comunidade.

INTRODUÇÃO: PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

"O que chamo de educação: estimular o domínio das paixões, estimular o domínio da imaginação, estimular a curiosidade pelos códigos diversos de expressões doentes ou sãs."

Françoise Dolto

A educação, a pedagogia e as didáticas orientadas pela psicanálise constituem uma profilaxia aos males maiores, já apontava Freud, em 1913. Pela educação se desdobram os doentes dos nervos e o futuro da civilização. A escuta da transferência (conceito psicanalítico que veremos com atenção) abre um leque de possibilidades ao que concerne à transmissão.

Profilático – esta palavra, não muito usada no cotidiano, é aquilo que diz respeito ao preventivo da saúde de uma população. A educação, como profilaxia para males maiores, é um caminho que promove espaço ao desejo do sujeito de direito, que toca no social e no singular de cada ser na relação com este mundo que não vai bem.

O mal-estar, angústia do corpo social, nos ataca, tal como postulou Freud em seu texto “O mal-estar na civilização”, pela via do catastrófico, do orgânico e pelo laço social tecido entre os indivíduos civilizados. Destes três mal-estares, Freud ousa apontar o das relações humanas, laços e desenlaces, como o mais árduo a ser elaborado. O laço social é inerente à civilização e sendo gerador de mal-estar por excelência esse carece de atenção nas escolas: nas relações entre os profissionais com seus colegas de trabalho, com os pais de alunos, com os estudantes e até mesmo com a sociedade em geral.

A educação participa do mal-estar, pois busca tratar da inquietude de todos nós, a fim de promover laços mais saudáveis e eficazes entre os indivíduos. Frente à esta face, há educação que busca tratar o mal-estar pela via de um guia, de orientações, de ensino e linguagem, que escoam pulsões e possibilitam canalizações. Há, ainda, as que visam a repressão e fale-se quem puder! Outras buscam fornecer estatuto de massa nas turmas, para que estas não pensem. Certas educações anulam a voz, o desejo, a individualidade e a existência, já outras formas de educar tornam referências de vidas e expande a autonomia daquele que aprende.

O profissional da educação, seja ele professor, mestre, auxiliar técnico, agente escolar e ou pedagogo, mirando e vendo o horizonte de sua época, é tocado por problemáticas que demandam ser melhor trabalhadas pelos fios das palavras e pelas linguagens variadas que perpassam as suas relações. A educação conta com a palavra e o afeto como instrumentos de trabalho. São transversalidades que colocam o profissional ao desafiante trabalho.

O profissional, na teia de sua rotina, corre o risco de se embaraçar em muitas questões: burocráticas, sociais, técnicas e pessoais. Se o profissional não tiver algum meio para recorrer ele poderá causar a bola de neve de sua angústia. Na educação é preciso outros mais para auxiliar.

O preparo para a prática da educação, ainda que pareça ser algo feito em alguma medida de solidão, já que cada um tem de criar seu estilo de educar, não precisa ser tão sozinho e poderá ser partilhado e construído junto a outros profissionais. Isto é, ao passo que há algo da prática que somente o profissional poderá fazer por si mesmo, há também ideias que podem ser trocadas, visando ares de amparos. Aqui temos um desafio gritante quando as relações com os colegas estão desgastadas por cansaço extremo, disputas ou brigas.

Os estudantes também se deparam com certa solidão em meio à multidão, seja nos *bullyings* que sofrem, seja nos desafios das provas, seja nas dificuldades que têm para seu entendimento, seja até mesmo para compreender suas diferenças. Uma certa solidão participa da solidão, o que não precisa é termos abandonos e desamparos. A união encurta a solidão.

Por esses motivos – em destaque, por sabermos que “a análise de professores e educadores parece ser uma medida profilática mais eficiente do que a análise das próprias crianças, e são menores as dificuldades para pô-la em prática” (Freud, 1933) –, aqui estamos propondo ferramentas melhores acerca de manejos e escutas com a educação e a saúde mental em nossa época. Obviamente, não há milagres, tal como gostaríamos de ter, mas ainda há esperança e muito a ser feito.

Queremos, com nossas contribuições, elaborar material de apoio aos temas importantes que, por vezes, ficam demasiadamente vazios. A educação se estende ao social e o social recai na educação, afinal; “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (Freire, 1979).

Segundo Arendt, “normalmente é na escola que a criança faz a sua primeira entrada no mundo” (Arendt, 1957).

Os educadores, pelo afeto de transferência, podem ser um atravessamento e, com isso, mudar as vidas das crianças, para um lado ou para outro.

A transferência é a única possibilidade de se acreditar no ensino, pois é só por ela que o educando se torna capaz de acreditar no profissional. Muitas crianças vão à escola para merendar e outras para sanar a fome de amor que se ausenta em suas vidas. Lá encontram grupos e adultos que podem ser tomados como espelhos ou repelentes.

DOIS CONCEITOS FUNDAMENTAIS: TRANSFERÊNCIA E RESISTÊNCIA

A transferência é uma atualização de afetos, amores e de registros inconscientes que se destinam a alguém em quem se confia. Por exemplo: levamos para os vínculos com os educadores modelos de relações que já temos na vida. Todas as relações contam com atualizações da vida desta espécie e saber disso nos ajuda a cuidarmos mais das relações e levarmos menos ao lado pessoal da coisa. A transferência bem estabelecida é quando, como dizem, de imediato o santo de uma pessoa bate com o da outra. É quando, sem saber o motivo, dá liga. Gosta-se de graça.

Uma relação assim, bem estabelecida, tem cuidados e marca a memória ao passo que se expande para o resto da vida. Lidar com a transferência, esses vínculos inconscientes que acontecem, é fator necessário na educação. É aqui que temas tabus são abordados sem peso de agressão e que o cuidado pode existir para além de brigas ou ataques. É aqui, também, que a acolhida pode fazer a função de pessoas que o aluno carece e não tem na vida. Há alunos que a única pessoa que o vê enquanto competente de vida, é a pessoa que o acolhe na escola. Aposta impar que faz diferença na vida.

É pela via da transferência, do afeto inconsciente, que o aluno faz daquele adulto o seu “amigo” ou não. O pedagogo, em sua função, só existirá se o aluno o eleger e for conquistado no seio de seu inconsciente como tal. Por essa e outras, temos alunos que em determinadas aulas ficam “de boa” e em outras ficam em alvoroço.

A fim de ilustrar melhor o conceito, divulgamos aqui que há no Youtube um bom material intitulado “Transferência: psicanálise e educação”, feito pelo canal Pedagogo Rodrigo Oliveira. Segue o link de uma didática explanação acerca da importância do conceito de transferência na educação. O vídeo conta com sete minutos e 22 segundos de duração e pode ajudar nesta compreensão: <https://youtu.be/k-BDjWd8OfM?si=ohvTio4I8BJZwFID>

O lado inverso e amalgamado à transferência é a resistência. Transferência e resistência são duas faces de uma mesma moeda, de um mesmo afeto. A resistência é quando, como dizem, um não vai com a cara de fulano, ainda que este nem tenha feito algo a ele. Trabalhar a resistência é desafio, uma vez que esta vem camuflada de estranhamento. Desafiante e necessária.

Carecemos de lidarmos com a resistência do estudante, que pode ser com a didática, com o profissional e o seu modo de abordar, com a matéria e outros problemas que este leva para dentro da escola e da sala de aula. Há alunos que bagunçam que geram conflitos, porque estão pedindo socorro em algo, e há os que bagunçam para sabotar o processo de ensino.

Estes dois conceitos explicam o fato de que muitos estudantes levam cargas extras aos profissionais de educação: de carência e de agressão. O estudante atualiza com o profissional aquilo que ele faz lá fora com outros adultos em seus conflitos (resistência) ou vínculos afetivos (transferência). Saber disso ajuda a entender que nem tudo é relação direta e assim pode ficar mais leve de lidar. Sem um trabalho estas relações ficam conflitantes e se alastram a eixos maiores de gasto de energia e desrespeito.

A resistência gera atuações (até violências) lá onde falta linguagem. A atuação violenta e sem compaixão é um dos desafios da educação contemporânea se atentar à transferência e sua face de resistência é uma ferramenta. Lidar com as violências

cotidianas, das camufladas até as que estão à mostra, nos alerta para a sociedade que temos criado e que vai para a escola e sala de aula. Aqui fica uma angústia e medo de como lidar com isso, que nos exige delicadeza de manejo ao passo que nos irrita intensamente.

Agir por impulso costuma dar errado nestes casos, mas, de outro modo, qual preparo é possível fazer? Como temos falado da violência? Com medo? Com mais violência ainda? Com tentativa de unir forças? Com pedagogia e afeto? Perguntas, perguntas. Muitas perguntas. Ainda que nos faltem respostas e termos de construí-las a cada caso, desistir de perguntar pode ser ainda mais prejudicial ao se entregar com desesperanças a um sistema adoecido.

De fato, o educador pode encontrar resistências nas relações com os alunos, muito comum. Porém, também pode ter resistências com os diretores de escolas, nas relações com os pais e entre os próprios profissionais, o que pode tornar o trabalho ainda mais angustiante, impotente e difícil.

Para melhor desenho conceitual, seguem indicações de alguns filmes que mostram a esfera didática na resistência e na transferência. São filmes emocionantes, pois abarcam afetos e tocam em dificuldades que também trazemos de nossas casas:

Indicação de filme: “Pura ficção”

- Premiado filme brasileiro, no qual, por não escutar devido a sua resistência à professora, não consegue fazer transferência com o aluno e, com isso, não o ajuda a lidar com a imaginação e o luto. Aqui, a ânsia de diagnosticar e reprimir muito atrapalha, pois, a professora fecha a sua escuta e deseja um certo padrão de normalidade para sua aula e conduta.

Sinopse do filme: “Rocky é um garoto apaixonado por cinema e literatura, que vive em um mundo particular, cheio de aventuras e descobertas. No entanto, quando retorna ao mundo real, se depara com as críticas e a indiferença por parte de todos ao seu redor.”

Indicação de filme: “A vida em silêncio”

- Filme tocante que aborda o autismo de forma séria, respeitosa e transformadora, por meio de uma emocionante acolhida e transferência bem executada. A realidade social se faz de desafio, mas a abordagem pelo lúdico e pelo respeito faz sentido enquanto dura e causa efeitos para o resto da vida da criança. Caso não saiba como lidar com o autismo de uma criança, busque amparar, respeitando os espaços. Infelizmente, nem todos conseguirão ter tempo em sua escola para destinar a atenção tão focada, mas, ainda assim, seguimos nos nossos desafios.

Sinopse do filme: “Um pai solteiro, músico, luta para se comunicar com seu filho autista por meio da música, enquanto tenta manter sua carreira. Mas uma pessoa do passado pode colocar em risco a sua relação com o filho.”

Indicação de filme: “Alarme de incêndio”

- Filme com desdobramentos de surpresa, que nos faz pensar e repensar nos excessos de ideais do que é um bom e mau aluno. Desafia os nossos afetos e problematiza as disputas por notas e a que preço vale ser o melhor ou o pior da turma. Este filme ousa mexer com as nossas resistências e transferência, ao passo que tomamos partido e somos surpreendidos com ele.

Sinopse do filme: apesar de ter diversas cenas de ficção científica, o filme é baseado em eventos reais, que aconteceram dentro de uma escola para mulheres, que sofreu um incêndio durante o seu funcionamento, não tendo um final feliz.

ANTES DE COLOCAR A MÁSCARA DE OXIGÊNIO NO OUTRO, LEMBRE-SE DE COLOCAR A SUA

A escola, ainda nos dias atuais, classificada como uma instituição total, tem lidado com a demanda e os efeitos da globalização exacerbada que atinge as salas de aulas, que hoje são como uma minissociedades e nelas tudo vai. A atualidade exige do profissional da educação um preparo amplo e transdisciplinar. Com tantas demandas, as consequências emergem como adoecimentos mentais.

Não é por acaso que a classe dos profissionais de educação é uma das mais doentes no mercado de trabalho, com alto índice de depressão e afastamentos por saúde. Cuidar do profissional, melhor prepará-lo em sua relação com os alunos é o melhor caminho para promovermos uma educação de qualidade, que respeite o singular e faça a transmissão acontecer.

INSTITUIÇÃO TOTAL

Termo cunhado por Goffman (1987) para caracterizar estabelecimentos fechados em regime de alguma forma de internato grupal. Foucault (2002) pondera que estas instituições (quarteis, fábricas, hospitais e escolas) visam à docilização e ao controle dos corpos.

Curiosamente, são nestas instituições que o adoecer mental está mais gritante. Precisamos reinventar ainda mais estes espaços em suas dimensões físicas, sociais e psíquicas.

SOBRE SAÚDE MENTAL PARA ALÉM DE RÓTULOS

Vale resgatarmos a importância de cuidar da saúde mental e quebrar perigosos julgamentos, tais como “psicólogos e psicanalistas são coisas de loucos?” São sim e isto é ótimo, pois se trata de humanos e todo humano tem sua cota de loucura. Já passou da hora de liquidarmos com este preconceito que coloca o louco em um lugar que causa medo e perigo.

Perigoso é a normalidade que mata por seus ideais acima de tudo. A normalidade é a coisa mais danosa na vida humana. O louco não é mais perigoso do que os outros que se disfarçam de normal. O perigo da loucura é o de sofrer e ainda ser excluído por isso. A exclusão é uma catástrofe. O perigo dos que se enquadram na ilusão da normalidade é de, em nome da normalidade, matar e exterminar existências. Loucura não é questão de perigo, é questão de sofrimento existencial.

No que tange à saúde mental, temos vários preconceitos na ponta da língua que ferem ainda mais os que de algo padecem. A depressão, por exemplo, questão de extrema seriedade, recebe rótulos covardes e só quem passa por ela sabe o quão realmente na alma ela arde e causa alarde. Quem nunca ouviu as baboseiras de que depressão é fingimento, doença de rico, manha e se trata com dinheiro? Pois bem, não é! Nem diga isso por brincadeira, pois o brincar esconde faces da verdade que não pode ser dita de outro modo. Depressão, de forma sucinta, é um adoecer profundo, sem um motivo aparente, que rouba o sujeito de sua rotina e amores, deixando-o aniquilado em suas delícias de viver. É necessário procurar ajuda psicanalítica e, por vezes, psiquiátricas para tratar, a fim de resgatar o seu melhor viver.

A vida é complexa, é árdua, ainda que conte com momentos felizes. A vida nos exige invenções, resiliência e buscas. Movimentos! O tratamento pelas palavras cuida da existência e da reinvenção da vida. Tratar com palavras próprias, com sua própria história é um caminho que quem descobre aprende a ouvir a si mesmo para se relacionar diferente com o que se chama de destino. Já repararam a necessidade de falar e que ninguém escuta, pois todos numa mesa querem conversar, falar e disputar quem tem mais, quem sofre mais, qual vida está melhor ou pior? Pois é, quem disputa nada escuta.

A USURA DA PALAVRA LOUCURA

Alguns a tomam como um ato de liberdade, tal como os adolescentes dizem: “vou meter o louco! Fiquei louco demais, festa boa!” Tem também os que a colocam nas decisões arriscadas: “fiz uma loucura, sai da zona de conforto e arrisquei!” Outros a tomam como pejorativo e propagam para desmerecer alguém: “fulano é louco, não lhe dê ouvidos!” Ou a usam para abuso de poder, por exemplo, no machismo, a fim de desvalidar, anular e deslegitimar a mulher, suas falas e seus atos: “ela é louca!”

Há quem usa a loucura como forma de falar de um gostar e de um querer intenso, de algo em excesso, como, por exemplo: “louco por cachorro, louco de amor, louco por futebol.” Existe os que associam ao irresponsável e destemido: “ele é louco, não mede as consequências”. E há outras usuras da palavra loucura que, na boca do povo, se destrincha em inúmeros sentidos que aqui não conseguiremos cartografar, tampouco esgotá-los. Afinal, seria uma loucura arriscar algo do tipo.

No livro “Casa das estrelas”, Javier Naraujo indaga uma criança de 11 anos sobre o que é ser louco e eis que Juan Carlos Mejía define: “pessoa que se acha meio diferente do que é”.

Dentre tantos sentidos aplicados pela palavra loucura, qual usamos quando nos preocupamos quando um estudante ou educador está sofrendo e, com isso, está diferente? Oferecemos ajuda ou disparamos julgamentos? Esse detalhe muda tudo. É preciso acolher antes de apressar por diagnosticar. Um diagnóstico para trazer esperança é feito lá onde tem acolhimento desde antes. Triste saber que muitos fazem mau uso e rotulam, discriminam e terceirizam, em nome de não serem os especialistas ou “supostos”. Tudo certo em não saber como lidar, mas vale não abrir mão da base: afetos e palavras.

NUNCA SE SABE TUDO. RELAXE UM POUCO!

Preparar o educador para o lugar de presumido saber e não o de detentor do saber faz com que gere efeitos de ensino e não apenas atuação produtora de imitadores. Aos educadores é apostado o lugar que estes sabem de tudo, ou seja, supõe que saibam. Certamente se sabe bastante, porém, isso é longe de saber tudo. Deste modo, um profissional de educação é mais um suposto saber, que causa movimentos de curiosidades e aprendizagem, do que alguém que sabe tudo. Ao profissional é dado o desafio de responder tudo, quando, na prática, responder tudo torna o estudante dependente das respostas destes profissionais. Porém, não responder o mínimo acaba gerando ondas de críticas. Responder sobre o perguntado, deixando espaço para o estudante ter uma base para poder buscar mais a partir do respondido, é um dos desafios diários a serem exercitados e postos em práticas.

O profissional de educação deve ser causa de saber e não o seu fim. Ocupar sempre o lugar de saber assassina o interesse, satisfaz a dúvida e a curiosidade perde sentido. Só se ensina se houver ignorância e os educadores podem estar preparados para buscar quando falharem. Paulo Freire faz uma indagação a este respeito: “Como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento?” (Freire, 1975).

Seu suposto saber faz com que reste sempre algo a ser buscado com amparo. Os alunos se identificam com seus educadores, seja pelo ódio e ou pelo amor. Não é possível escapar disso, mas é possível fazer a diferença. Este ponto, o de que o saber nunca é todo, pode ser angustiante. Para lidar com esta angústia não se faz eficaz reprimir e ordenar que o que interroga se cale. É preciso não calejar as relações e sim buscar movimentos. Não é calar, é justamente trabalhar as questões com fala e diálogos. Não sabe? Não reprima, busque descobrir a resposta ou construir junto. A pergunta tem uma origem, indague sobre ela para avançar junto. Por exemplo: onde surgiu a dúvida? O que foi visto, lido, escutado, que fez surgir a questão? Onde mais está se amarra e se faz presente? Quem mais naquela sala já escutou sobre ou teve dúvidas? Quem arrisca

comentar? São ondulações nas quais a angústia poderia se fazer cristal e calos na relação.

Os educadores, para inventar modalidades transferenciais, têm de atravessar o fantasma da prática científica pautada em conversões numéricas. Não se diz para abandonar, mas ir além. Eis a travessia que interessa ao ensino, a caminhada ao singular. Não há prova que consiga mensurar um aprendizado, elas sempre mensuram enganações; decorebas, acertos na sorte, aprendizados que poderão ser esquecidos, mas não garante uma prática daqueles conceitos.

A prova é causa de ansiedade. A prova é sempre prova de fogo nos afetos. É prova não de mensurar saber, mas sim de gerar ou romper com o orgulho dos pais, é ponto de poder se achar mais e ou se sentir o pior e mais burro. A prova é um sintoma escolar. Sintoma no sentido psicanalítico do termo.

O sintoma em psicanálise não é aquele que deve ser retirado a qualquer custo. Ao contrário, é aquele que deve ser escutado, pois dita uma formação de compromisso entre duas ou mais coisas que não vão bem.

A criança que tira nota baixa em uma prova não é burra. É preciso lidar com o erro de forma que este não seja tido como algo a ser distanciado e colocado de lado. O erro como tabu é um equívoco perigoso, pois coloca aquele que errou como alguém a ser excluído, pois se errou, pode influenciar outros mais e nada contribuir. Não! O erro é importante para movimentações.

CHOQUE DE ANGÚSTIAS

A prova atravessa épocas e o choque de invenção pode estar à flor da pele nas relações entre os profissionais. Os novatos querendo colocar sua energia em ação e construir inovações e os mais experientes de prática querendo manter repetições que lhes dão segurança. Deste artifício, o encontro entre profissionais iniciantes e os experientes da prática podemos pensar na angústia do profissional iniciante e dos demais.

O profissional da educação iniciante se divide egoicamente entre duas identidades. Segundo Perrenoud (2002), isto ocorre por ele estar “abandonando sua identidade de estudante para adotar a de profissional responsável por suas decisões”. Não sendo sem consequências “o estresse, a angústia, diversos medos e mesmo os momentos de pânico assumem enorme importância” (Perrenoud, 2002). Trabalhar esta angústia para que não se torne algo frutífero é uma proposta da psicanálise, a angústia como sinal de responsabilidade. Não tratada, ela se deslocará e tende a travar o profissional, deixando-o com excesso, e o excesso é sempre assassino de desejo.

Um amparo se faz necessário para que o destino tenha norte e seja aproveitado. Entretanto, o iniciante de seu ofício “geralmente, se sente muito sozinho, distante de seus colegas de estudo, pouco integrado ao grupo e nem sempre se sente acolhido por seus colegas mais velhos” (Perrenoud, 2002).

A transferência ampara a relação entre os profissionais’. A união e o vínculo devem

ser tecidos para que eles tratem uns dos outros e suportem os dias de forma que não se tornem rotinas e sim parcerias de inovações e descobertas. Não é que o escrito esteja lindo e, na prática distante, é que sem um trabalho de transferência as coisas tendem a se tornar obscuras e traidoras.

Uma angústia dos profissionais de educação recai no salário. Eles se queixam, mas não é só disso que se trata, há algo a mais também a ser trabalhado. O salário pode e deveria ser melhor. Seguimos na luta por melhor valor monetário e valor existencial.

Não é pelo salário que resolveremos os mal-estares da educação, mas o melhorando poderemos melhorar muita coisa concernente à posição de todos. Lutar por melhoras aqui não deve ser motivo para abandonar as invenções em salas de aulas, tampouco para perder as esperanças. Uma educação sem esperança só serve aos podres poderes.

A QUEDA DO IDEAL: ADOECEMOS DE IDEAIS

Frente à angústia e crise na educação ponho-me a pensar: por onde anda a supervisão? Ou, quem cuida de quem ensina? Não se trata de uma supervisão, envolvimento e acolhida qualquer e sim de uma habilidade de escuta que vise objetivos e tenha meios de favorecê-los. Tudo que ameniza a sobrecarga na vida trabalha em prol da saúde mental!

A troca de experiência dos educadores deve clarear e não ser ponto de inveja. Devem, em reuniões, falar das dificuldades e como fazer para lidar e não tão somente dos alunos quietos, caricaturas do sucesso idealizado e ou reclamarem por todos os poros. Isso adocece.

A idealização faz parte da construção dos educadores que, ao se prepararem para o cotidiano, estão a sós com seus fantasmas, ideias e ideais. Porém, a prática sairá diferente e se o ideal não for flexibilizado estes ficarão excessivos e adoecedores. O ideal para os profissionais de educação tem de ser desarmado, para que o ensino verdadeiramente aconteça e o profissional não se esqueça.

AMPAROS E DESAMPAROS E A REVOLTA DOS CORPOS:

Tomaremos aqui a revolta como uma resposta do corpo frente às exigências que lhe são postas. O corpo, aponta Freud, em 1915, é uma das fronteiras da pulsão. O corpo é, em primeira instância, um corpo pulsional.

Desde pequenos temos uma insaciável demanda de ternura, é a inquietude de um corpo que busca amparo psíquico, de afetos. Somos “insocorríveis” (Ceccarelli, 2009), daí parte de nossas constantes buscas e insatisfações. Quanto ao desamparo psíquico:

“Ele se caracteriza pela impossibilidade do recém-nascido em lidar com as exigências pulsionais filogeneticamente herdadas devido à inexistência de um aparelho psíquico ao nascimento. Para lidar com o desamparo psíquico, Eros, responsável pelas ligações pulsionais, age de forma a produzir investimentos libidinais que confortam, imaginariamente, o Eu em constituição. O universal do desamparo se singulariza na história de cada um, a partir da relação de total dependência que a criança estabelece com quem lhe deu vida psíquica”
(Ceccarelli, 2009)

O desamparo é de amor, de afetos, de um porvir sexual mais centrado em órgãos. O corpo, para Freud, é todo erógeno. O educador que seduz a criança para as matérias transmitidas deve se acautelar frente a este empuxo e não ir além do tempo da criança. Esta é uma dificuldade de muitos. Numa sala de adolescentes, por exemplo, de mesma idade, temos muitos que parecem adultos e outros crianças. Cada um em seu tempo. Ferenczi diz, em analogia, que o fruto que muito cedo é bicado apodrece por amadurecer rápido demais. Amadurece-se rápido quando não é por si mesmo. Freud alerta que este pode ser um obstáculo para a educabilidade da criança, pois toca na pulsão perverso polimórfica.

A pedagogia é quase sempre questão de travessia e intermediação. Não muito dali nem muito daqui. Evitam-se os excessos. Não amadurecer demais nem deixar o fruto morrer verde. Daí, tem de ser por transferência. Nas relações subjetivas pode-se ter alcance de melhores resultados. Escutar os tempos, deixar falar, um puxar o outro, mas no limite de cada um.

Por não compreenderem a dinâmica pulsional, os profissionais de educação acabam promovendo, de modo indireto, uma algazarra na sala. Há os que agem sem flexibilidade, usam e abusam da repressão. Esta é necessária, mas se constante, se emudece o ser, se não há negociação em momento algum, o sujeito explode de modo simbólico e em crise de energia acaba descarregando em ofensas verbais, e ou diz “verdades” e ainda destrói algo o jogando no chão com força que nem sabia que tinha. É o acúmulo da energia contida que escapa para a sobrevivência do sujeito.

A repressão é necessária na educação. Seu excesso, porém, é uma das piores formas de educar. É pela repressão, forçosamente posta, que o indivíduo se sente preso em si mesmo, culpabilizado por qualquer realização e inseguro com os seus afazeres. O excesso é moedor de vida. Sem repressão não há educação. A repressão deve ser não toda, a canalização dos impulsos deve existir.

A repressão pode forçar o retorno a si mesmo da culpa de não poder se libertar e o sujeito se fechar em seu quarto e começar a se cortar. Braços e pernas são marcas de repressões rígidas e culpas gritantes de indivíduos presos em si mesmos. Cortam para sair a dor existencial ou então para que a dor do corpo seja maior, possibilitando a distração da dor psíquica.

Comumente, escolas recebem alunos que se cortam. Uma condução precária que reforça o ato é o de culpar o sujeito, xingando este, dizendo que não pode, que é do “capeta”, que por isso ficará de castigo. É precária justamente por injustamente colaborar com uma das maiores causas dos cortes: a contenção daquela existência que tem voz. Quando destes casos, escutar, abordar o assunto sem incriminá-lo e acolhê-lo ajuda e muito. Encaminhar ao profissional da psicanálise ou psicologia também pode ser de preciosa eficácia.

UM OUTRO TEMPO

O corpo se revolta, pois nele há uma vida. Na educação, mesmo que o educador fique pouco tempo na vida do estudante, este ficará eternizado pela memória e registros mnêmicos do inconsciente. O educador pode fazer a diferença por muito tempo se acolher e orientar. Não repetir o que todos já fazem é uma revolução.

As marcas das relações pedagógicas nos indivíduos são atemporais. O inconsciente é atemporal, seu tempo é singular e algo do passado pode ser tão atual como algo do próprio dia.

O tic-tac dos relógios, as horas marcadas, são construções da civilização e não singular. Quantas vezes não se obriga a fazer algo fora do tempo que quer? Acordar ao som do despertador quando se quer continuar dormindo ilustra bem isso. Ainda no tocante ao tempo, sobre a transição, Freud faz questão de pontuá-la dizendo de seu esplêndido valor. No texto, Transitoriedade, datado como 1916, ele postula:

“O valor da transitoriedade é raro em nossa época... se existe uma flor que brota apenas uma única noite, então seu florescimento não nos parece menos virtuoso, suntuoso. Gostaria, de todo modo, de compreender como a beleza e a perfeição da obra de arte e da capacidade intelectual deveriam ser desvalorizadas por sua limitação temporal.” (Freud, 1916)

Não é porque o educador ficará com o aluno certo tempo, cronologicamente marcado, que este deve se abster de fazer a diferença e possibilitar algo. Há aqueles que ficam mais tempo com as crianças do que estas ficam com os familiares. São tempos importantes de peso nas falas. São momentos de identificação. Ensinar a criança a amar e dar conta de suas pulsões é tarefa primeva dos pais, os educadores dão continuidade ou pelejam para dar conta de contornar algo. Este é um dos motivos de Freud colocar o educar como tarefa impossível, não toda possível, algo ainda se pode fazer. Dizem que educação vem de casa, os trilhos pulsionais também surgem com indicações de lá. Educação vem de casa, mas não se restringe nem se limita ali.

“Criança aprende a amar outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades, e o faz segundo modelo de sua relação de lactente com a ama e dando continuidade a ele.” (Freud, 1905)

Educadores e estudantes não mais se veem, mas se lembram e ou se endereçam até mesmo pelo inconsciente. O intelecto ali exercitado às aberturas de mundo, social e teórico, é de suma importância e ressurgem em tempos posteriores na vida daquele pequeno. Não é porque a teoria muda, que o social é inquieto, que não se deve debater os temas e trabalhá-los. Não é porque o adolescente e ou a criança estão em transição que seus corpos não devem ser trabalhados e também seus saberes que brotam da experiência. Não é porque ano que vem não estarão mais na mesma turma que deixarão de se relacionar bem.

A ARTE E O HUMOR COMO RECURSOS EDUCACIONAIS

A arte, dança, esporte e outras agitações do corpo podem ser uma sublimação aos corpos que revoltam. Na arte trabalha-se sempre temáticas da vida cotidiana de difíceis acessos, uma vez que é do trabalho artístico driblar as censuras da época daquela vida. A revolta dos corpos faz a sublimação da dor ser ilustre na dança do balé, por exemplo. O inimigo é sublimado no esporte como o desafio, o adversário, que fora dali pode ser o mais íntimo amigo.

Há regras a serem cumpridas no esporte, daí a autorização da rivalidade. O desejo de matar o outro para reinar é tido como o desejo de vencer e ser campeão, anulando o outro como o destaque. Os corpos se revoltam, pois contam histórias em movimentos. Desastres no esporte podem ressurgir como humor.

Um educador, frente às catástrofes em sala de aula, sabe usar do humor. O humor é uma saída frente ao que se aproxima da morte, da destruição e do trágico. É uma ferramenta para lidar com os lutos da vida e com o real da morte. Pelo humor podem galgar melhores ares do que a inserção de uma batalha, de uma repressão. Ares com prazeres que descarregam pulsões e rejuvenescem as relações.

“O humor não é resignado, é consolador, não significa apenas o triunfo do Eu, mas também o do princípio de prazer, que se deixa afirmar, a despeito das relações reais.” (Freud, 1927)

É preciso levar o humor a sério, pois ele leva a vida seriamente. O humor faz desdobramentos interessantes e dá voz aos conflitos do inconsciente.

O retorno à própria pessoa, tipo o corte dos adolescentes, pode retornar ao corpo também como investimento de libido e este enchê-lo de vida; exercícios, cuidados com a

beleza, com a aparência em si, tanto do corpo como do circular de seu nome. O retorno pode ser destrutivo ou de vida, lembremos das duas faces pulsionais que sempre caminham juntas. Um dos desafios é: como concorrer com os demais prazeres que geram distrações?

UM CORPO TRABALHADO É DIFERENTE DE UM CORPO QUE DÁ TRABALHO

O corpo deve ser trabalhado pela educação, desde seu reconhecimento até colocá-lo ao trabalho. A parte psicomotora é essencial para a criança reconhecer seus contatos, dimensões e relações com o andar pelo mundo. Sem engatinhar na infância a criança se revolta, sem ter ciência disso, na quietude e limites. No não dar conta. Na inibição real. O que ocorre é que o corpo da criança inquieta, como não atrapalha o progresso da turma, é tido não como revoltado e sim um corpo adaptado. A adaptação é uma revolta. Não há adaptação possível que seja toda ao pulsional. A singularidade é inadaptável.

O corpo dos profissionais de educação também é um corpo muitas vezes revoltado. Revoltado com a situação escolar ele fica cabisbaixo. É preciso resgatar a alma de dentro deste corpo para que se encha de vida! Não existe medicamento para a educação mais eficaz do que tecer aventuras novas no seu ambiente. As desamarras são fundamentais.

Vários colegas melhoraram quando foram respirar novos ares e quando, em condições favoráveis, dão aula na turma que gostam, quando vão para núcleos de educação que eles mesmos idealizaram e fizeram existir, quando conseguem autonomia para atuar. Uma autonomia comprometida que o faz respirar enquanto tal. Mas o que se vê é um apagamento deste, uma sobrecarga.

O corpo deste profissional é contido também pela instituição escola, que o deixa incapaz de atuar suas importantes ideias e este acaba repetindo no estudante o que fazem com ele.

O educador faz parte da educação, mas a base é mesmo de casa. Quando não há um trabalho anterior gasta-se muita energia para conseguir algo e será que estes estão tendo? Ter energia que dê conta de uma turma de 30, 40 alunos é quase além de humano. Como não o são, adoecem.

O corpo, em psicanálise, é sempre algo bacana de se pensar. É esse real que temos, de carne bombardeada de sangue e um corpo que imaginamos, que vemos nos reflexos do espelho, que sentimos e chega até mesmo a ser diferente do real. O corpo também é um corpo que cabe nomeações, que recebe representações, metáforas, apelidos, carinhos em palavras e toques. O corpo de um indivíduo é sempre algo complexo, pois não é vazio de vida.

Pelo corpo falamos, atuamos e dramatizamos nossos fantasmas. Até conversão de insatisfações e desejos temos nele. É um palco e tanto para a vida, mas carece de movimentos. Boa parte da sintomatologia recaí no corpo, como marca, denúncia de algo incongruente.

Freud (1899) pontua que “o sentido do sintoma é um par contraditório de realização de desejos”. Escutemos o sintoma, escutemos o corpo, escutemos a vida! Tanto para os estudantes como para os educadores, é importante, para não guerrilharem entre si, o resgate de vínculos emocionais. “Tudo o que favorece os vínculos emocionais entre os homens trabalha contra a guerra” (Freud, 1932). E não adianta tentar fugir, pois “a fuga é o instrumento mais seguro para se cair prisioneiro daquilo que deseja evitar” (Freud, 1907).

LIDANDO COM AS MENTIRAS

Uma forma utilizada como tentativa de fuga, de defesa perante a inserção de um mal-estar que contraria relações de amor, é a mentira. Crianças contam mentiras que, segundo Freud, podem ter sido aprendidas com adultos. A mentira é uma tentativa de solucionar algo que não se encaixa, de satisfazer algo que foi feito ou desejado com algo que, na realidade externa, foi de outro modo. É o choque do desejo com o real sendo colado pelo dizer que distorce os fatos externos em primor dos fatos internos daquele. Mente-se para salvar um desejo e uma relação.

A mentira é uma mediação sob transferência – conta-se a alguém, do princípio de prazer com o princípio de realidade. É contada sobre transferência, sob pressão. Afinal, para que contar mentira a alguém a quem não se deve satisfação?

Os adultos, como se fossem detentores da verdade, não as aceitam e acabam se revoltando, quando poderiam melhor trabalhá-las. Revoltam-se, brigam, castigam, por se sentirem traídos e esquecem de buscar o fundo de verdade que está encobrendo elementos que podem ser extraídos para a elaboração da história em questão. A mentira é uma história em transferência que reinventa o ocorrido. Freud, em seu artigo “Duas mentiras contadas por crianças”, de 1913, se preocupa com isso e escreve:

“Podemos entender que as crianças contem mentiras quando, assim procedendo, estão imitando as mentiras ditas por adultos. Mas, um certo número de mentiras contadas por criança bem-educadas possui significação especial e deveriam fazer com que seus responsáveis refletissem, de preferência a ficarem zangados. Estas mentiras ocorrem sob a influência de sentimentos excessivos de amor e se tornam momentosas quando conduzem a uma má compreensão entre a criança e a pessoa que ela ama.”

A mentira é usada para reflexão das situações e não para controle dos corpos. Não como motivo de castigo e punição, mas sim como responsabilização pelo o que foi contado. Em um artigo de 2012, Paulo Roberto Ceccarelli traz a mentira como organizador social:

*“A ilusão, argamassa fundamental das construções sociais, funciona como um catalizador que muda segundo o momento sócio - histórico considerado. Juntamente com ela, entretanto, existe um outro poderoso organizador social, cujo estatuto psíquico é pouco discutido: a mentira.”
(Ceccarelli, 2012)*

Sendo eficaz, em certa medida, a mentira inibe o encontro com desprazeres em troca de um outro e, por este motivo, pode se tornar uma dependência. O vício da fuga. E qual vício não é de fuga?

“A mentira pode ainda tornar-se um vício, uma dependência como qualquer outra. Os “dependentes” da mentira sabem que estão mentindo, mas não conseguem evitá-lo, da mesma forma que ocorre nas outras adicções. Nestes casos, existem sofrimento psíquico e, não raro, estes sujeitos procuram ajuda psicológica.” (Ceccarelli, 2012)

A mentira, que de um lado serve à organização social, de outro faz nó e força gozosas relações. A mentira que os adultos contam às crianças com dificuldade de dizer a verdade não é tão distante das demais. É preciso tomar cuidado no controle dos corpos via mentira.

“Se, por um lado, as mentiras servem, como no exemplo do porco-espinho citado por Freud (1930), para mantermos a distância necessária para suportar os outros, por outro lado elas podem assumir um caráter perverso quando adquirem o estatuto psíquico da ilusão: uma crença motivada pelo desejo infantil de proteção na qual a realidade não é levada em conta.” (Ceccarelli, 2012)

Ao contar verdades à criança, deve-se levar em conta a sua realidade e capacidade de compreensão e não reprimi-las, as controlando em seus corpos. O corpo de uma criança em dúvida se revolta em atuantes perguntas.

Quanto ao fato dos corpos revoltados, fico impressionado com a energia das crianças no recreio e suas necessidades de descarregar o que por horas foi contido na sala. A criança mal acolhida e sua pulsão de antívida (McDougall, 2006) no recreio é muito interessante, pois são estragos com endereço, com chamados, sob transferência. É muita correria, muito barulho, muita agitação, muita vida! O recreio é um momento importante para a saúde educacional da criança, é o que a salva da loucura de ser mais uma padronizada.

UM BREVIÁRIO DO LUTO

Os instantes de tragédia são também momentos de falarmos um pouco sobre o trabalho psíquico do luto. Ainda que algo toque a todos, tal como a covid-19, ele não

chega para todos da mesma forma e intensidade. Sendo o luto uma forma de lidar com a perda para elaborar formas de se despedir e seguir, ele vai de como cada um cartografa seu lugar frente à castração.

Falar de morte não é algo que agrada. O assunto é quase sempre evitado, já que, na maioria das vezes, as pessoas não conseguem lidar com o enlutado, com a dor e o sentimento de perda. Não é fácil receber a notícia de que “perdemos” alguém que amávamos, e que de hoje em diante teremos de aprender sobre esse buraco.

Recebemos inúmeras mensagens de profissionais de educação nos perguntando: como falar de morte na escola? E tendemos a responder: *como* vocês lidam com a morte? A morte é a única certeza que temos na vida e a única coisa que negamos o tempo todo, como se assim ela ficasse longe. Morre-se todos os dias. A morte é um encontro sem hora marcada, nem sempre ela avisa que está chegando. Talvez, falar dela faça com que ela não nos cause tanto horror. O que estamos tecendo começou bem

antes da pandemia; começou na repetição de mensagens recebidas de como trabalhar a morte na escola? Talvez, um ponto essencial, seja não negar esse tema. Abrir espaço para falar pode ajudar crianças e adultos a passarem pela dor da morte e outras dores da vida.

As perdas podem se dar por perdas de função, lugar ocupado, relação estabelecida, corpo concreto falecido, perda parcial de algo, mudança de ritmo, tudo que abala o sujeito e o sacode de forma a crer que vai enlouquecer e não suportar. O trabalho de luto é do sujeito desalojado, sem lugar, fazendo reconhecimento de si e da situação para ver o que ficou, a fim de seguir, ainda que manquejando. Deste modo, o luto é um trabalho a ser feito, árduo, dolorido, difícil, não contraindicado, tampouco deva ser medicado. O luto é necessário para você conseguir trocar uma coisa que se foi por uma coisa nova.

Em casos mais extremos, onde adentra combo de outras coisas mais, o medicamento pode ter lugar estratégico, não pelo luto, mas pelo excesso de algo que outrora não fora tratado e se arrastou. O luto tem de ser suportado. O que está longe de dizermos que não será sofrível, que não vai abalar as noções básicas.

O tempo de atravessamento do luto é de cada um. Bartolomeu Campos de Queirós, em seu livro “Vermelho amargo”, aborda acerca do luto frente ao falecimento de sua mãe:

“Sobre os dias, a ausência da mãe ganhava corpo. O tempo – capaz de trocar a roupa do mundo – não consumia sua lembrança. Quando se ama, em cada dia o morto nasce mais.” (Queirós, 2017)

Avançando em sua escrita o autor nos premia com reflexões cirúrgicas acerca da relação com o tempo, vazio e formas de nomear. Escreve ele mais adiante:

“Exige-se longo tempo e paciência para enterrar uma ausência. Aquele que se foi ocupa todos os vazios. Como água, também a ausência não permite o vácuo. Ela se instala mesmo entre as pausas das palavras. (Queirós, 2017)

Como a ausência não permite o vácuo, preencher com nomeações é nosso desafio e em sua elaboração o autor nos brinda com o seguinte dizer:

“Desanuviou em mim a ideia de que as coisas existiam alheias ao meu desejo. Viver exigia legendar o mundo. Cabia-me o trabalho exaustivo de atribuir sentidos a tudo. Dar sentido é tomar posse dos predicados. Trabalho incessante, este de nomear as coisas. Chamar pelo nome o visível e o invisível é respirar consciência. Dar nome ao real que mora escondido na fantasia é clarear o obscuro.” (Queirós, 2017)

O luto e a sexualidade nos demandam encarar nossos próprios tabus e, com isso, colocamos uma desconstrução para posteriormente desenvolvermos. Bem-aventurado aquele que reconhece os seus limites e os encara para transmitir novidades de vida!

Segue link com material orientando sobre o tema do luto, suicídio infantil e educação: <https://futura.org.br/suicidio-entre-jovens-como-abordar-esse-tema-na-escola/>

DIAGNÓSTICOS, ENCAMINHAMENTOS E MANEJOS

“Nas escolas, as crianças que não se enquadram nas normas são rapidamente diagnosticadas como problemáticas e, não raro, medicadas. É cada vez maior o número de trabalhos psicopedagógicos em que o rótulo perverso é aplicado, e um comportamento provocativo e desafiador da criança é teorizado como gozo, sem que uma pesquisa mais detalhada da dinâmica psíquica que a afeta seja realizada.” (Ceccarelli, 2010)

Aqui, a profilaxia da educação, das relações pedagógicas, cai por terra e vai ao seu avesso. Um genocídio de existência pode ocorrer mediante rótulos irresponsáveis. Então, o que fazer e como fazer com crianças e adolescentes diagnosticados, agitados e silenciados? Qual o limite da elasticidade da técnica para que a ética seja mantida? Como abordar com os estudantes temas polêmicos necessários à vida e que atravessam o dia a dia? A resposta a estas questões está no trabalho em equipe: encaminhar e acompanhar. O profissional que está sozinho está na catástrofe. Vale, ao encaminhar, manter contato e conversas com o profissional que recebeu o encaminhamento para que juntos possam traçar estratégias. É necessário que se faça um encaminhamento o mais silencioso possível, uma vez que não é da conta de todos da escola nem precisa sair falando na rua, não é mesmo?

Se a cidade é pequena, mesmo que a criança não tenha nada e tenha sido um encaminhamento apenas suspeito, sem continuidade, a criança, pelos boatos feitos sem maldade pelo profissional que não se ateve em ficar em silêncio na dificuldade daquele estudante, poderá marcá-lo de forma horrenda e drástica. A cidade que é grande em espaço e conta com população extensa não está livre disso, pois a escola é, em si mesma, uma minicidade.

Encaminhar com ética e preservar os educandos são procedimentos que interessam a cada um dos envolvidos no processo. Não se deve encaminhar para ter em mãos documentos que justifiquem o fracasso da educação.

A educação deveria dar conta de todos, cada um ao seu tempo e capacidade. Ela não é seletiva. Mas, pelo uso que muitos fazem de diagnósticos, ela se torna excludente. Vão comentar o caso? Faça apenas em horários e locais específicos. Ônibus voltando da escola, na esquina, não é viável e chega a ser antiético. Quando dizem e chega ao ouvido do outro que aquele não aprende, pois tem isso e aquilo e nada mais podem fazer para promover algo de aprendizado para aquele indivíduo, acabam por martirizar a esperança.

Muitos são os casos que chegam no consultório com repasses dos pais de que a escola diz, claro, pela porta voz de um profissional, que o educando, não tem jeito, que ele não vai aprender, que não sabe mais o que fazer e ali está a criança percebendo tudo, escutando tudo. Se você faz ideia do que é isso, vale manter a cautela e as esperanças, pois os casos se desdobram em surpresas, por mais difíceis que sejam.

Muitos leitores podem estar indagando que o aluno(a) está sendo defendido(a) aqui, mas isso é quase que claro, uma vez que não há necessidades destes ataques sem compromisso técnico. Se um profissional da educação vê um estudante como inimigo ele não faz daquele espaço uma sala de aula, faz um campo de batalha e vai, pelos dizeres, buscando aliados contra seu combatente.

Reparem que muito se diz de transtorno disso, transtorno daquilo e logo, logo para eles já surgem discursos de venda (venda: vendado, olhos tampados por faixas pretas). Vendem diagnósticos e, em seguida, os medicamentos, ou vice-versa. Transtorno, eu gosto de pensá-lo assim: aquilo que está transitando de forma inquieta em torno de algo cuja causa devemos chegar com a escuta para possibilidades de algo diferente. Inibições dizem muito das relações e sintomas também.

Os educadores não devem ser vendedores de medicamentos nem de diagnósticos, mas podem trocar esse ponto por indicação orientada e acompanhar os seus educandos no processo. Não saber de tudo, mas trocar informações precisas e pontuais para ver estratégias que favoreçam a criança.

São raros os casos que recebo na clínica, vindos da escola, em que os profissionais de educação entram em contato, a não ser por folhas que rotulam e reclamam e reclamam e reclamam. A demanda de reclamação é deles e não do estudante e de seu desenvolvimento, em muitos outros ambientes estas até se comportam diferente. Há, ainda bem, os que encaminham e perguntam se podem fazer algo, solicitam informações e tudo mais. Além de mostrar sua preocupação e não reclamação, visando ao cuidado com a própria criança.

O único diagnóstico que abarca de forma mais certa a singularidade do sujeito é o nome próprio. Busquem usar mais dele. Tendo consciência de que o profissional, em si, muitas vezes, pelo emaranhado de sua vida, não consegue perceber ou não se permite escutar colocações de seus parceiros de trabalho, a entrada da psicanálise pode promover uma nova forma destes escutarem a situação de outro modo quando começarem a fundo a escutar a si mesmos em atuação. Um psicanalista pode, mediante projeto construído, fazer escuta deste grupo de profissionais e ou atendê-los individualmente.

Foi uma genial psicanalista, Joyce McDougall, que escreveu, em 1983, o livro “Em defesa de uma certa anormalidade - teoria e clínica psicanalítica”. O título já diz muito. Neste escrito ela indaga o que vem a ser a normalidade e sua construção. No percurso de suas indagações acaba revelando a impossibilidade de uma normalidade, os sofrimentos que circundam este impossível esforço e aponta que “antes de serem “normalizadas”, as crianças, que questionam tudo e são capazes de imaginar qualquer coisa, são verdadeiros sábios e autênticos criadores comprada à maioria dos adultos.” (McDougall, 1983)

Um salve às crianças que não foram normalizadas, enquadradas em estatísticas e ou em ritos concretos que fazem perder a criatividade. Certa vez, visitando Inhotim, um dos mais importantes acervos de arte contemporânea do Brasil, localizada em Minas Gerais, com ampla exposição de arte aberta em meio à natureza, observei a chegada de duas escolas, uma dita de elite, uniformizada em blusa, bermuda e tênis. E outra mais simples, da rede pública, com chinelos e roupas até mesmo rasgadas. Ambas tinham de esperar por mais de uma hora.

As crianças da escola moderninha, da escola particular, ficaram paradas, quase que sem vida, quase que marchando na fila. As crianças da outra escola se sentaram no chão, fizeram da lata de lixo tambores, dançavam, riam, e eram crianças. Não quebraram nada nem desrespeitaram, apenas aprenderam a viver na espera e não se limitaram a uma fila de robôs educados, sem espaço para brincar. Não é a classe social que liberta a criança na vida, é a capacidade de deixá-la com seu melhor remédio: o brincar.

No brincar se refaz o mundo e se torna artista da própria vida. McDougall (1983) ainda pondera que “somente alguns artistas, escritores e cientistas escapam à ducha de água fria da normalização, ao ingresso da ordem estabelecida, à perda da magia do tempo em que tudo era possível.”

Várias vezes fui convocado na escola para orientar sobre posturas frente ao diagnóstico já dado, frente aos rótulos marginalizados de alguns e ainda para buscar acolher a angústia do profissional. São várias as demandas em que um psicanalista pode contribuir, sem dar resposta, mas conduzir uma nova dinâmica em escuta, nas relações pedagógicas.

CONCLUSÕES

Preencher com nomeações é fundamental e, por isso, orientamos a busca por materiais que nos ajudem a darmos melhores palavras. Falar de saúde mental é falar dos modos de vida entremeando corpo, social e mental: biopsicossocial. Lidar com os desafios nos mal-estares na educação é mais eficaz se trabalhados pelo afeto e palavras em consonância ao conceito de transferência e resistência.

A ética que permeia o afazer nos permite não sabermos tudo e nos ampara pela incompletude, de forma que não desumanizemos as relações. Carecemos de ficarmos atentos às nuances e criarmos meios de lidarmos, sem sermos cruéis, com o outro e conosco mesmos. Buscar ajuda e lutar por direitos é um caminho que demanda certa dose de união e respeito. Inserir o cuidado antes do diagnóstico nos favorece de irmos no nosso limite sendo justos a cada caso.

O diagnóstico, quando emana de uma relação, poderá ser ponto extra para os manejos singulares, isto quando a realidade nos possibilitar. O profissional tende a adoecer lá onde, de algum modo, abandona e as redes de amparos se farão necessárias. A ansiedade fará parte e, nem por isso, terá de ser um todo que inibe.

Lidar com temas tabus é um desafio do qual não temos como fugir.

Aqui deixo algumas reflexões sobre saúde mental, tendo a noção de que muito mais há de ser trabalhado, dito e abordado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hanna. A crise na educação. Original datado como 1957. A tradução citada foi acessada no link a seguir em 9/12/20015: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf

CECCARELLI, Paulo Roberto. A mentira como organizador social. in Cronos: R. Pós-grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v.13, n. 1, p. 99-109, jan./jun. 2012

_____ A nova ordem repressiva. Psicologia ciência e profissão, 2010, 30(4),738-751.

_____ Laço social: uma ilusão frente o desamparo in Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, ano XXXI, 58, 33-41, 2009

CECCARELLI, Paulo Roberto; PATRÍCIO, Cláudio Júnior. Bullying e pós-modernidade: uma relação intrínseca (?). 2013. Polêm!ca - (c) 2001 - 2016 - ISSN 1676-0727

DOLTO, Françoise. A causa dos adolescentes - Ideias e letras - Editora Santuário - Aparecida do Norte – 2004

_____ Seminário de psicanálise de crianças. 1985. Zahar Editora. Rio de Janeiro.

FERENCZI, Sándor. Importância da psicanálise na Justiça e na sociedade - 1913. Trad: Álvaro Cabral. Obras Completas/Sándor Ferenczi. 2a edição. São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes, 2011.

_____, Sándor. Psicanálise e pedagogia (1908). Obras Completas Psicanálise I, 2.ed, 2011, WMF Martins Fontes. São Paulo.

_____, Sándor. Transferência e introjeção (1909). Obras Completas Psicanálise I, 2.ed, 2011, WMF Martins Fontes. São Paulo.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Trad. Raquel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. Educação como prática da liberdade. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. Pedagogia do oprimido. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREUD, Sigmund. Transitoriedade, 1916. In. Arte, literatura e os artistas; Ed Autêntica. Tradução: Ernani Chaves. Obras incompletas de Sigmund Freud. I Edição. 2015.

_____ Psicologia de grupo e a análise do ego. In: FREUD, S. Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, v. XVIII.

_____ O mal-estar na civilização (Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago.

_____ O humor. 1927. In. Arte, literatura e os artistas; Ed Autêntica. Tradução: Ernani Chaves. Obras incompletas de Sigmund Freud. I Edição. 2015.

_____ Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).

_____ Prefácio à juventude desorientada, de Aichhorn. In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1925/1980. V. 19. p.337- 343.

_____ Dinâmica da transferência. In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1912/1980. V. 12. p.131-143.

_____ Sobre as teorias sexuais das crianças. In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1908/1980. V. 09. p.209-228

_____ Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1980. V. 13. p. 281-288.

_____ Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, (1915 [1914])/1980. V. 12. p. 207-221.

McDOUGALL, Joyce. As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana. São Paulo. Ed Martins Fontes, 1997.

_____ Violência e criatividade. Reverso, Belo Horizonte. Ano 28. N 53. P 87 a 92. Set 2006.

_____ Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983

FÓRUM DE QUESTÕES MÚLTIPLAS

1 – É correto afirmarmos que a psicanálise contribui com as relações na educação por meio do conceito de:

- A – escalonamento mental
- B – transfer psíquico
- C – transferência
- D – repressão

2 – Se considerarmos a contribuição freudiana de mal-estar iremos considerar que ele vem pelas três vias seguintes:

- A – pirraça, dores e pesadelos
- B – catastrófica, orgânica e social
- C – catastrófica, artificial e social
- D – pesadelos, humor e mentiras

3 – Sobre o humor, podemos admitir que ele:

- A – existe nas salas de aula somente para atrapalhar
- B – é uma resistência e a mentira uma transferência
- C – é um recurso educacional interessante
- D – é motivo de castigo e repressão

4 – Levando em consideração o conceito de repressão, podemos afirmar que:

- A – é um recurso a ser evitado como prioridade, apesar de ter seu lugar na rotina educacional
- B – tem que ser feito diariamente com humilhação e perversidade
- C – é um recurso que vem da medicina e nos ajuda a controlar o corpo
- D – é a melhor forma para lidar com o luto

5 – Tendo em vista o saber do profissional da educação, é usual postularmos que:

A – ele não tem que saber tudo e este fato pode ser causa de curiosidade pedagógica

B – tem que saber tudo, pois é adulto e pago para isso

C – de não souber tudo é péssimo profissional e virará piada

D – tem que saber tudo de cor e ensinar a decorar

6 – Visando ao cuidado em saúde mental na educação, é importante evitar usar:

A – arte

B – transferência

C – humor

D – julgamentos

7 – Os desafios relacionais dos profissionais na educação são vários. Dos citados abaixo, qual está diariamente nas escolas:

- A – conflito entre profissionais e colegas
- B – tensionamento entre pais e educadores
- C – mal-estar com alunos
- D – todas as opções acima são verdadeiras

8 – Sexualidade e morte são assuntos delicados que na escola devem:

- A – ser censurados
- B – ser abordados usando de materiais de apoios, ainda que sejam temas delicados
- C – o aluno que falar disso tem que sair da sala imediatamente, pois contagia os demais
- D – ser calado, uma vez que a matéria é outra

9 – Os ideais são artifícios da mente para lidarmos com a vida. Porém, estes na educação:

A – demandam atenção e devem serem trabalhados em seus excessos

B – quanto mais ideal o profissional tiver, melhor!

C – ninguém adocece de ideal, é sempre saudável ter muitos

D – para o ideal ser algo real é simples e basta querer

10 – Sobre notas baixas, podemos dizer que:

A – nota baixa é burrice, na meritocracia basta querer

B – reflete a capacidade de lidar com o mundo

C – mostra o despreparo mental do profissional

D – fazem parte do processo e podem refletir alguma dificuldade emocional de momento não sendo sempre um marco da inteligência

GABARITO DO FÓRUM

1. C
2. B
3. C
4. A
5. A
6. D
7. D
8. B
9. A
10. D